

Colóquio

PROPAGANDA, CULTURA E ENTRETENIMENTO EM PORTUGAL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

24 de fevereiro de 2016 | Arquivo Distrital do Porto

Carla Ribeiro , IPP - Escola Superior de Educação

carlaribeiro@ese.ipp.pt

O “alquimista de sínteses”:

António Ferro, a cultura e a propaganda em/de Portugal

InED – Centro de Investigação e Inovação em Educação, ESEP

CEPESE – Centro de Estudos da População,, Economia e Sociedade, UP



António (Joaquim Tavares) Ferro no seu gabinete no Palácio Foz

DATA	ACONTECIMENTO
1895	Nasce em Lisboa, a 17 de Agosto, no terceiro andar do número 237 da Rua da Madalena Filho mais novo de um comerciante alentejano, António Joaquim Ferro, e da sua mulher algarvia, Maria Helena Tavares Afonso
Infância	Desde cedo frequentou com o pai os comícios republicanos, tendo conhecido duas das figuras mais carismáticas do regime: Afonso Costa e António José de Almeida
Juventude	Aluno do Liceu Camões, é colega e amigo de Mário de Sá-Carneiro
1913-1918	Frequenta a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, não concluindo o curso
1918	Alferes miliciano em Angola, sendo ajudante de campo do governador, Filomeno da Câmara, que o nomeia secretário-geral interino da colónia
1919	Colaborador de <i>O Jornal</i> , órgão do Partido Republicano Conservador
1920	Colaborador de <i>O Século</i> Escreve <i>Teoria da Indiferença</i>
1921	Membro da Comissão de Imprensa do Centro Republicano Sidónio Pais Colaborador de <i>O Diário de Lisboa</i> (estudos críticos sobre literatura e teatro) Escreve <i>Leviana</i> e o manifesto modernista <i>Nós</i>
1922	Candidato à vereação da Câmara Municipal de Lisboa, pelo Partido Republicano Nacional Presidencialista Escreve a peça em três atos <i>Mar Alto</i> Director da <i>Ilustração Portuguesa</i>

DATA	ACONTECIMENTO
1927	Aparece associado ao “golpe dos Fifis”, liderado por Filomeno da Câmara
1931	Funda a Associação de Crítica Dramática e Musical, mais tarde transformada em Sindicato Nacional da Crítica
1932	Entrevistas a Salazar, publicadas no <i>Diário de Notícias</i> e editadas em 1933: <i>Salazar, o Homem e a sua Obra</i>
1933-1944	Diretor do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN)
1934-1937	Presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, em cuja qualidade integrou a Câmara Corporativa
1937/1939	Comissário-geral do Governo Português na Exposição Internacional de Paris (1937) Comissário-geral do Governo Português nas Exposições Internacionais de Nova Iorque e S. Francisco (1939)
1939	Membro do Conselho Nacional de Turismo
1940	Comissário-geral da Comissão Executiva das Comemorações do Duplo Centenário
1941	Presidente da Direção da Emissora Nacional
1944-1949	Diretor do Secretariado de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI)
1949-1954	Ministro Plenipotenciário em Berna
1954-1956	Ministro Plenipotenciário em Roma
1956	Morre em Lisboa, no Hospital de S. José, a 11 de Novembro, com 61 anos

ATO I

JORNALISTA E ESCRITOR: 1917-1933

“A vertigem da palavra”

A visão de Ferro relativa ao país revelou-se desde cedo acutilante.

O jornalista apresentou estas suas ideias numa série de crónicas que assinou em 1932, no *Diário de Notícias*:

Ano Novo, Ano Bom? (01-01-1932)

Vida (07-05-1932)

Falta um Realizador (14-05-1932)

Porto, Espelho do Norte (19-06-1932)

Os Escritores e a Política (25-06-1932)

John dos Passos, João dos Passos (02-07-1932)

Weekend e democracia (06-08-1932)

Os Homens-Máquina (16-08-1932)

Literatura e Jornalismo (20-08-1932)

Aqui para Nós (27-08-1932)

Pintura, Escultura, Desenho e Cinema (11-10-1932)

O Ditador e a Multidão (31-10-1932)

Esquerda e Direita (07-11-1932)

Política do Espírito (21-11-1932)

A Lição de Marinetti (29-11-1932)

Vida (07-05-1932)

“Sinto, às vezes, a nostalgia da vida. [...] Actualidades americanas, inglesas, francesas, alemãs, russas, espanholas, romenas, belgas, jugoslavas, checas... Nunca ou quase nunca uma actualidade portuguesa, quer no claro-escuro do cinema, quer na retrogravura sépia dos magazines europeus. [...] Portugal, isolado no seu mirante, não conseguiu ainda, apesar de toda a propaganda, impor-se à Europa e ao mundo. [...] Vive-se feliz com as ideias feitas, com os hábitos seculares da raça. [...] Em vez da vida, da vida cheia, da vida sonora, a triste vida, a vida masomba, a vidinha. [Torna-se] cada vez mais necessário criar uma vida exterior, uma vida representativa das nossas tradições e das nossas possibilidades. Mas é necessário, também, criar uma vida interior, uma vida nacional. [...] Dizer, talvez, aos governantes, aos orientadores do Portugal de hoje, que não basta olhar, numa hora de renascença, os problemas graves e profundos da nacionalidade. Há que olhar, também, para essa vida aparentemente frívola, para essa vida-espuma [...]. Construamos parques, estádios, inventemos cerimónias em que o povo encontre um pretexto para vibrar, estimulemos o desporto, protejamos o teatro, a pintura, o livro, todos os instrumentos dessa vida saudável.”

***Aqui para nós* (27-08-1932)**

“Legítima e necessária, portanto, essa ânsia de nos trazer ao primeiro plano, de nos reintegrar numa posição que nunca deveríamos ter abandonado, de nos mostrar aos olhos do mundo como uma das nações mais espiritualmente ricas do nosso tempo.”

***Política do Espírito* (21-11-1932)**

“A política do espírito [...] não é apenas necessária, se bem que indispensável em tal aspecto, ao prestígio exterior da nação. Ela é também necessária ao seu prestígio interior, à sua razão de existir. Um povo que não vê, que não lê, que não ouve, que não vibra, que não sai da sua vida material, do Deve e Haver, torna-se um povo inútil e mal-humorado. A beleza – desde a beleza moral à beleza plástica – deve constituir a aspiração suprema dos homens e das raças.”

Ditador e a Multidão (31-10-1932)

“As paradas, as festas, os emblemas e os ritos são necessários, indispensáveis, para que as ideias não caiam no vazio, não caiam no tédio. [...] Se a natureza do chefe é avessa a certos contactos, se é preferível, talvez, não a contrariar para não a quebrar na sua fecunda inteireza, que se encarregue alguém, ou alguns, de cuidar da *mise en scène* necessária, das festas, do ideal, dessas entrevistas indispensáveis na ditaduras, entre a multidão e os governantes.”

Falta um Realizador (14-05-1932)

“Há países que procuram, igualmente, para se movimentarem, para se defenderem da vida com a própria vida, os seus realizadores, os seus animadores.... Esses países, como a França, como a Alemanha, como a Itália, como os Estados Unidos [...] esforçam-se [...] pela criação duma alegria para uso próprio, mesmo que essa alegria seja artificial... Se não é possível, na nossa época, fabricar certezas, fabriquem-se ilusões! [...] Portugal é, sem dúvida alguma, um desses países. Atravessamos um dos períodos mais brilhantes da nossa história contemporânea. Tudo nos seus lugares, tudo à espera de ordens, tudo à espera dum traço de união... [...]. Tudo a postos, tudo arrumado, tudo pronto a partir, a embarcar. [...], O que falta, para fazer o filme, para criar movimento, para criar alegria, alegria de viver, o tónico das raças fortes, das raças com futuro? Falta um *metteur-en-scène*, falta alguém que junte esses elementos dispersos [...], que dê as entradas e saídas, que faça as marcações, conduza o baile... Enquanto esse *metteur-en-scène* não se revelar [...] a vida portuguesa continuará a marcar passo, a fingir que anda.”

António Ferro, sobre o jornalismo e a “arte de entrevistar”

(Outubro de 1921, numa conversa acerca da *Ilustração Portuguesa*)

“A entrevista costuma ser a arte de pôr palavras de espírito na boca de determinadas pessoas. [...] Em qualquer circunstância, a entrevista é sempre grave, comprometedora e complicada. De duas uma: ou o entrevistado tem valor, e então há o perigo de atraí-lo com uma palavra a elegância de um pensamento; ou o entrevistado não diz nada, não sabe nada, não vê nada e então há a tortura de inventá-lo, de maquilhá-lo, de vesti-lo, de trazê-lo ao cenário do jornal ou da revista, com interesse, com novidade, com espírito.”

António Ferro acreditava ser possível a **instauração de uma nova realidade**, atribuindo-se a missão de **recuperar a reputação da Nação**:

» uma realidade a ser encenada, mais do que uma facticidade a ser retratada

» uma estetização da realidade : “Vestir com certa poesia e graça a vida de todos os dias, tornando-a mais irreal e mais saborosa” (SNI, 1948)

» criação da mística necessária aos novos tempos: “Desejo febril de mostrar ao mundo que não abdicamos, que estamos certos do nosso futuro como estamos certos do nosso passado!” (Ferro, 1932)

ATO II

DIRECTOR DO SPN/SNI: 1933-1949

“A vertigem da imagem”

Secretariado de Propaganda Nacional

Para Salazar

Organismo que deveria “integrar os portugueses no pensamento moral que deve dirigir a Nação” (DL 23 054/1933)

Organismo que faria a propaganda dos propósitos e realizações do regime, promovendo “no País e no estrangeiro a divulgação e a exacta compreensão dos factos mais importantes da vida portuguesa” (SNI, 1955: 11)

Para Ferro

“O Secretariado [é] acima de tudo, um organismo animador da vida nacional no campo do espírito [...], um organismo criador de ambiente” (DN, 5.7.1945)

Instituição cuja tarefa seria a de dirigir e orientar toda a actividade cultural, através da definição de uma mística mobilizadora das massas

Secretariado de Propaganda Nacional

Pelo Secretariado o seu director pretendia:

- » construir a imagem de Salazar, interna e externamente
- » promover politicamente a imagem do país no exterior
- » reconstruir a identidade cultural do país, criando uma nova consciência nacional



“Política do Espírito”

INTERNAMENTE	
1933	Espectáculos populares do SPN
1935	Criação do Cinema Ambulante
1936	Criação do Teatro do Povo
1936	Exposição de arte popular portuguesa na sede do SPN
1938	Concurso d’Aldeia Mais Portuguesa de Portugal
1940	Concurso de Janelas Floridas
	I Exposição de Montras
	Secção Metropolitana de António Ferro na Exposição do Mundo Português
	Criação da companhia de bailados Verde-Gaio
1941	Criação da <i>Panorama, Revista de Arte e Turismo</i>
1941-1950	Concurso de Montras em Lisboa
1941- 1962 (?)	Concurso das Estações Floridas
1942-1948	Inauguração das 7 Pousadas Regionais do SPN/SNI

“Política do Espírito”

INTERNAMENTE	
1942	Inauguração da Secção Brasileira do SPN
	Exposição de colchas de noivado de Castelo Branco
	Exposição sobre Monsanto
1943	Exposição de Tapetes de Arraiolos
1945	Criação das bibliotecas ambulantes
	Inauguração da delegação do Porto do SNI
	Exposição do Trajo Regional de Viana do Castelo
	Concurso das Tintas e Flores
	Iniciativa de sinalização pitoresca das estradas
	Concurso das Praias do Norte de Portugal
1945-1948	Concurso de Montras no Porto
1946-1965	Festas do “Maio Florido” no Porto
1947	Concurso Janelas Floridas
1948	Inauguração do Museu de Arte Popular

“Política do Espírito”

EXTERNAMENTE	
1934	SPN subsidia a viagem a Londres dos Pauliteiros de Miranda
	Festa organizada pelo SPN e pela Casa de Portugal em Paris
1935	Visita de intelectuais estrangeiros a Portugal
	Quinzena cultural portuguesa em Genebra
1937	Participação na Exposição Internacional das Artes e Técnicas da Vida Moderna em Paris
1939	Participação na Golden Gate International Exposition em S. Francisco
	Quinzena Portuguesa em Londres
	Participação na World's Fair em Nova Iorque
1943	Exposição de arte popular portuguesa em Madrid
	Exibição dos bailados Verde Gaio em Espanha
1944	Exposição de arte popular portuguesa em Sevilha e Valência

Que princípios ideológico-políticos subjazem à construção da
imagem de Portugal por António Ferro, através da sua *Política do Espírito*?

» Articulação de modernidade e tradição, vanguardismo
estético e conservadorismo ideológico

» Visão da Nação em que a História, o Império e o Demótico
se fundiram

Pátria e Cultura portuguesas

“maquilhadas” com um modernismo
estilizado

mitificadas pela propaganda ideológica

transformação da estética em negócio de Estado

ATO III

MINISTRO DE PORTUGAL EM BERNA E ROMA: 1950-1956

“O sentimento do vazio”?

António Ferro em Berna

Legação de Portugal em Berna

organização de conferências e exposições, como as de Carlos Botelho e Paulo Ferreira

Centro Português de Informações (CPI) em Genebra

inaugurado a 3 de Outubro de 1951, tendo como director José Augusto dos Santos

Propaganda Política

serviria “de base discreta à acção diplomática do novo ministro em Berne” e de elo de ligação com o
Secretariado Nacional de Informação

» contacto com “jornalistas e escritores [...] categorizados, de todos os países, que passam por Genebra e despertar-lhes interesse pelo nosso país, informando-os sobre as nossas coisas ou esclarecendo aquela dúvida que possam ainda ter sobre a legitimidade do nosso regime político”

» distribuição de informações sobre Portugal, através de um boletim semanal, “informações artísticas, turísticas, económicas, sociais [...] a toda a imprensa suíça que muito nos interessa pois é lida em todos os círculos políticos da Europa”

» intercâmbio de professores universitários, uma vez que “o pensamento dos dois países só tem a lucrar com a interpenetração das duas doutrinas e teorias de paz social”

Propaganda Turística

» avaliando a Suíça como “o país do turismo por excelência” e considerando que o CPI poderia “aproveitar [...] esse vai-vem de turistas, na Suíça, procurando canalizá-los para Portugal através de indicações, distribuição de brochuras; de publicidade em revistas e jornais; de afixação de cartazes nas agências de turismo, no hall de hotéis, de passagem de filmes, etc.”

Propaganda Económica

- » fornecimento de informações económicas e promoção de contactos entre exportadores e importadores
- » organização de pequenas exposições de amostras
- » organização da participação nacional na feira de Zurich
- » edição de brochuras de propaganda dos produtos portugueses

Propaganda Cultural

- » organização de pequenas exposições de fotografia, de folclore, de gravuras, de quadros, realização de concertos e conferências “que alimentem a curiosidade, o interesse pela nossa terra”
- » intercâmbio radiofónico e de grupos folclóricos, “visto os dois países terem o mesmo entusiasmo e as mesmas ideias acerca do rejuvenescimento desta forma de expressão nacional”
- » publicação de uma revista de arte portuguesa na Suíça, com uma periodicidade bianual
- » publicação de “alguns álbuns com a projecção da nossa arte (primitivos, barroco, uma ou outra digna manifestação de arte moderna) [...], a ressurreição da nossa arte popular através do seu museu, ou a contribuição que os nossos decoradores deram à arte de expor”
- » edição em francês “dos nossos clássicos e dos nossos melhores autores modernos”

Realizações do CPI

» Exposição, de 23 de Março a 25 de Abril de 1954, no Museu de Arte e História de Genebra (*Cores e Reflexos de Portugal*)

“Exposição de Arte Popular, Artesanato e Fotografias representativas da vida portuguesa em vários dos seus aspectos, especialmente o monumental”, esperando-se que contribuísse “para o melhor conhecimento no meio internacional [...] da vida e carácter da gente portuguesa”

» Concertos

como o realizado pelas artistas Stella Tavares e Isabel Hitzmann, ou por Vasco e Grazi Barbosa, em Março e Junho de 1951

Realizações do CPI

» Recepções

como a oferecida no cinema Victoria, de Berna, na comemoração do dia da Raça, em 1952

» Conferências

conferência sobre Portugal por Gonzague de Reynold, em 1952

» Apresentação de filmes portugueses

como *Camões* e *Sintra*, no cinema Victoria, em Abril de 1951, e *Uma revolução na paz*, na sala do Théâtre de la Cour de St. Pierre, em Dezembro de 1952

António Ferro em Roma

Legação de Portugal em Roma

Centro Português de Informações em Roma

inaugurado a 10 de Junho de 1956, tendo como director Pedro Batalha Reis

seria o primeiro dos elementos para a concretização de uma ambição de Ferro, relativamente à presença portuguesa na Cidade Eterna: a fundação de um bairro português na Via dei Portoghesi, “onde casas e institutos nossos [...] poderiam ser os pergaminhos visíveis de uma presença espiritual fecunda”

Funções do CPI

» fonte informativa e documental de referência a nível comercial, económico, turístico, político e cultural, ficando desta forma habilitado a prestar esclarecimentos até aí solicitados à Legação

» ponto de apoio à participação de Portugal nas diversas exposições e feiras promovidas pelo governo italiano, em Roma, Milão, Florença, Bari, Nápoles, Veneza: o CPI forneceria um local de depósito do material utilizado e pessoal especializado para colaborar

Realizações do CPI

» “Exposição de Lisboa”, em Outubro de 1955

» “Exposição de Arte Popular Portuguesa”, na galeria La Feluca, da Via Frattina, em Dezembro de 1955

A análise da vida diplomática de António Ferro, enquanto ministro de Portugal, de 1950 a 1956, torna patente que, nessa sua acção, se podia encontrar uma clara continuidade com a *Política do Espírito* desenvolvida aquando da direcção do Secretariado.

Pode mesmo afirmar-se que foi em Berna e Roma, mais do que em Lisboa, no SNI, com os posteriores directores (José Manuel da Costa, Eduardo Brazão e César Henrique Moreira Baptista), que a *Política do Espírito* teve seguimento .